

O Discurso Imagético no quadro Novela da Vida Real no Programa Show da Fé¹

Patricia Garcia COSTA²

Introdução

O objeto central dessa proposta de trabalho é o lugar da imaginação social dentro do quadro Novela da Vida Real, apresentada pelo líder religioso, Missionário R.R. Soares, no seu programa carro chefe intitulado Show da Fé, que é televisionado pela Rede Internacional de Televisão (RIT).

A Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) é considerada uma igreja neopentecostal por pregar a crença de que “o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo” (MARIANO, 2004, p.124).

Como a igreja da Graça, podemos citar a Renascer, Universal do Reino de Deus e Mundial do Poder de Deus. Essas igrejas começaram a surgir na segunda metade da década de 70, trazendo a figura de líderes carismáticos. A prática adquirida por esse

grupo de religiosos rompe com os antigos padrões de pregação, que davam ênfase ao pentecostalismo dito histórico – grupo que antecede os chamados neopentecostais e que possui outro foco na sua pregação. O processo de mudança nessa área do discurso ainda continua, dada a necessidade de se manter em evidência, de modo a suprir as necessidades da nossa sociedade pós-moderna, por meio de um discurso que esteja em sintonia com as demandas econômicas, sociais e políticas.

Na busca pelo crescimento, as igrejas neopentecostais buscam conquistar cada vez mais “adeptos” e usam a mídia – televisão, rádio, jornais, revistas e as redes sociais – para atingir esse objetivo, com destaque para a Televisão (CUNHA et al, 2008). Nesse contexto de crescimento surpreendente, estima-se que haja cerca de 46 milhões de evangélicos no Brasil. Seu crescimento foi seis vezes maior do que a população total desde 1960, quando havia menos de 3 milhões de fiéis espalhados principalmente entre as igrejas conhecidas como protestantes históricas - batistas, luteranos, presbiterianos e metodistas (ALEXANDRE, 2010, p.82). Na década de 1960, a hegemonia passou para a mão dos pentecostais que davam ênfase em curas e milagres nos cultos de igrejas, como Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e O Brasil para Cristo. A grande explosão numérica evangélica deu-se a partir do início da década de 1970, com o surgimento das denominações neopentecostais (MARIANO, 2004. p.123).

A igreja Internacional da Graça de Deus nasceu em 1980. Depois da inauguração, as igrejas de R.R. Soares foram se espalhando pelo Brasil e também para outros países, contando atualmente com quase 2,5 mil templos. Em trinta anos de ministério montou um império midiático para dar suporte ao seu discurso: sua própria rede de TV – Rede Internacional de Televisão (RIT), Graça Editorial, Graça Filmes, Graça Music, Nossa TV, Nossa Rádio, Agrade e USEM – União dos servos empresários. Desde 2003, este líder está à frente de um programa evangélico exibido na TV, chamado Show da Fé, que passa em sua própria emissora e também na Rede Bandeirantes de Televisão.

1. Discurso Religioso

A religião pode ser vista como “o lugar em que na onipotência do silêncio divino, o homem encontra um espaço para preencher com palavras sua vida espiritual” (ORLANDI, 1987, p.8). A religião enquanto discurso, explica a autora, se expressa na

territorialização da espiritualidade do homem, e isso envolve considerar uma série de valores que comportam outros discursos, como o da salvação, da prosperidade, da libertação de demônios, da superação dos problemas, das ofertas e dízimos doados à igreja etc. Além do mais, há historicamente uma presença marcante, irrecusável do discurso religioso na cultura brasileira.

São discursos que imersos na cultura contemporânea trazem elementos específicos se comparados a outras épocas, exatamente porque no caso da vertente neopentecostal protestante em estudo observa-se que o

¹ Trabalho apresentado no Eclesiocom 2011, VI Conferência Brasileira de Comunicação, tema: Eclesial Comunicação e religião em tempos de cibermídia, 18 de agosto de 2011 - das 9h às 17h

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo- UMESP. E-mail: patriciagarcia_30@hotmail.com

discurso ressignifica demandas sociais, ou seja, perpassam questões do desemprego, endividamento, consumismo, o problema das drogas, questões familiares, casamentos e adultério, violência doméstica, reclamos interiores dos mais variados, emoções, desejos etc.

No discurso religioso, o poder divino é sustentado desde seu início e origem, pela desigualdade de papéis e de lugares. Dessa assimetria decorrem várias outras com base sempre na dicotomia (imortalidade/mortalidade; onipotência, submissão; criador, criatura), estimula a carência humana, a necessidade de salvação para a vida eterna. Logo, não resta outra alternativa para a salvação, senão pela fé e esta é, segundo Orlandi (1987), um dos parâmetros em que se assenta o princípio da exclusão: para os que creem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não creem é uma ameaça. Para os primeiros, há salvação e conforto; os últimos estão fadados a condenação e ao abandono.

Ainda com Orlandi, se a fé funciona, paradoxalmente, como um princípio de exclusão, é ela que fundamenta, institui e legitima a assimetria na troca entre os interlocutores, de onde advém o outro princípio, o da não reversibilidade. Dizemos, então, que o discurso religioso define-se como assimétrico e não autônomo. Assimétrico por desnivelar categoricamente os envolvidos, locutor e ouvinte, situando o primeiro num patamar diferente dos demais, na medida em que o locutor ocupa o lugar privilegiado de representante de Deus. Não autônomo porque o locutor, nesse contexto, não tem qualquer possibilidade de alteração ou modificação da mensagem a ser veiculada, que se resume nos preceitos religiosos, nos dogmas, nas crenças e convicções que precisam ser repassadas aos humanos, como seres mortais e pecadores, a fim de que possam chegar ao único caminho da salvação. Neste contexto, o locutor não fala em seu nome, não tem maior identidade, resumindo seu papel ao de mero repassador da palavra maior.

A fé, no entanto, tem que ser algo que comprometa toda nossa vida. No entendimento do crente “crer é abandonar-se nas mãos de Deus, tendo consciência da responsabilidade que isso gera”.³

A linguagem religiosa está revestida de um sentido e da autoridade daquele que representa Deus, que fala em seu lugar, mas que também não é ele, é o que Orlandi chama de ilusão da reversibilidade: como se fosse sem nunca ser (ORLANDI, 1987, p.253). Na verdade, o discurso é estruturado por meio do consentimento entre a interação de Deus e seu representante aqui na terra, designado e autorizado para fazer o seu papel.

Por isso, o intertexto (os trechos bíblicos) vem outorgar autoridade à fala do pastor (locutor), que, com isso, garante maior aprovação e aceitação. O intertexto constrói-se como estratégia de autoridade, como advertência, colocando o leitor/ouvinte numa situação sem saída: ou ele segue as palavras de Deus ou está arruinado. Advertência, por vezes, assemelha-se à ameaça. As palavras de Deus são incontestáveis e os fragmentos retirados da bíblia são reflexos da uma verdade já anunciada.

Orlandi também fala da fé que se instala por ilusão, porque quem diz não é, na verdade, o autor do texto, mas o co-autor cuja autoria está pressuposta e assentada nas representações sociais do mundo terreno e cotidiano: a instituição religiosa que legitima suas práticas e dá visibilidade aos seus discursos. O representante de Deus fala em nome dEle, e seu interlocutor ouve, lê, dialoga com quem ele representa. No caso específico do discurso religioso, portanto, trata-se de uma dupla representação, o que reforça a ilusão.

Outra característica do discurso religioso é o seu poder de persuasão, que vem pela fé, por si só incontestável. Os dois planos, ou seja, divino e terreno, são estruturalmente desiguais, o que já desencadeia uma atitude de submissão e de conformação ao discurso proposto.

Há também no discurso religioso um mecanismo de “projeções imaginárias”, como explica Osakabe (1999). Fazemos uso desse mecanismo quando nos dispomos a falar. Projeta-se um conjunto de possíveis reações de acordo com a imagem que esse outro (o ouvinte) faz do sujeito que anuncia. As estratégias e mecanismos utilizados dependem de inúmeros fatores como: quem é o ouvinte, a situação e o lugar em que se

diz, o conteúdo daquilo que vai ser dito etc. Dessa forma, o locutor traça suas estratégias enunciativas para causar o efeito desejado em seu ouvinte, então, percebemos o quanto a argumentação depende do ouvinte.

2. Imaginário Social

Exporemos em breves explicações teóricas o que alguns autores consagrados falam a respeito dos estudos do imaginário como processo coletivo que servirá de base para compreender o uso desse referencial no nosso objeto de estudo.

Para entender o que é real e o que imaginário no discurso religioso, recorreremos às explicações de

³ Afirmação feita pelo Missionário R.R.Souares no dia em que foi gravado o culto, dia 07 de maio de 2011, às 14h, sábado, na sede da IIGD em São Paulo

Laplantine e Trindade (apud QUEIROZ, 2011). “O real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida. Para Durand (2002), o imaginário é o processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma forma específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade, onde seu compromisso é com o real e não com a realidade. Constitui-se da relação entre o sujeito e o objeto, que vai desde o real, que aparece ao sujeito em forma de imagens, até a possível representação deste real. Considerando a concepção junguiana “há na alma humana uma profunda necessidade voltada para as noções e as imagens míticas. Os mitos são narrativas primordiais que formam um universo atravessado por lendas, parábolas, apólogos, símbolos, arquétipos que mostram as fronteiras em que vivem os seres humanos, entre o conhecido e o misterioso, entre o consciente e o inconsciente (COELHO apud QUEIROZ, 2011).

Na perspectiva de Michel Maffesoli:

[...] não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado. E pela observação básica de Juremir Machado da Silva, que o imaginário deve sempre ser entendido como algo mais amplo que um conjunto de imagens. O imaginário não seria um mero álbum de fotografias mentais nem um museu de memória individual ou social. Tampouco se restringiria ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo. O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente (apud SILVA, 2010, p.245).

Para nossa análise ficaremos com os conceitos propostos por Michel Maffesoli e sua abordagem a respeito do imaginário coletivo.

Conteúdo da Novela da Vida Real

Título: Abençoados por Completo

Personagens: Derenice Santana Pereira e José Eduardo Ferreira

Local: Francisco Morato – São Paulo

Senhora Derenice :

“Minha vida tava de ponta cabeça né em todos os sentidos, filho, marido, casa, tudo e a minha mãe que tava na cama há cinco anos e eu cuidava dela não tinha como ir na igreja e eu comecei a assistir pela televisão né e aí depois eu fui no Show da Fé lá no Vale do Anhangabaú, aceitei Jesus, mas mesmo assim não podia, não tinha tempo de ir lá né”.

Senhor José Eduardo:

“E aí ela percebeu que só Deus ele é o dono da paz e mais ninguém, então ela ia né pra ter paz é tanto com ela quanto em casa”.

Senhora Derenice:

“No começo, meu esposo até me ajudava né, mais aí durante cinco anos né foi ficando cansativo e ele foi se sentindo muito só né e aí ele cobrava que ele queria a minha companhia né e eu não podia, não tinha tempo e aí ele arrumou as malas né, arrumou as malas e queria ir embora, mas acho que através das orações mesmo ele não tinha força pra ir né”.

Senhor José Eduardo:

“E eu já tava triste né, eu falei puxa vida, é, é, é certo que ela tem a mãe dela, é cuida, mas eu, eu fui super egoísta, eu quis ela só pra mim, foi onde que ela né pedindo pra Deus indo pra igreja né e orando tanto que quantas vezes eu a escutava né. É no choro, quantas e quantas vezes né, pedindo né, pra pra Deus que tocasse né, em em mim pra tira essa dureza do meu coração”.

Senhora Derenice:

“Então eu comecei a buscar no encontro de casais e eu fui um ano, busquei um ano e sempre que eu saia eu convidava o meu esposo né pra ir me acompanhar, até um dia que ele resolveu ir. Ele foi, no terceiro culto né que ele assistiu ele já entendeu que a gente precisava consertar a vida de casados, já me pediu em casamento lá no culto mesmo né.”

Senhor José Eduardo:

“Ele tocou em mim, que me fez ser né agora essa pessoa que eu sou né, olha eu trabalho na obra né, participo em bastantes atividades, e quando eu vim eu vim por completo.”

Senhora Derenice:

“Agora não, agora a gente fala a mesma linguagem né, a gente chega comenta o que aconteceu durante a igreja. É muito gratificante porque a gente sozinho, busca sozinho é difícil e se Deus disse que era em dois, então, hoje é em dois para a glória de Jesus”.

Senhor José Eduardo:

“E Deus ele vem, é, é, nos abençoar atuando em todo o tempo e eu né, tanto é que como eu fui na obra por completo eu participo de quase todos os grupos e sabe pra mim é um prazer muito grande. E eu to em bênção e até hoje”.

3. Análise do Quadro Novela da Vida Real no Programa Show da Fé

Há diversas formas de se analisar um texto. Para este momento tentaremos de maneira prática levantar os aspectos mais expressivos por aquilo que entendemos por discurso religioso e o quanto o imaginário coletivo está inserido nesse contexto.

Para situar o leitor, este culto foi ao ar no dia 07 de maio de 2011, às 14h, sábado, na sede da IIGD em São Paulo, situada na Av. São João, 791 São Paulo.

Começaremos a partir do nome que foi dado ao programa “Show da Fé”. A escolha lexical, assim como todo o conteúdo, não se dá de forma aleatória. A palavra show, segundo o dicionário Aurélio significa: “espetáculo de teatro, rádio televisão etc; ger. de grande montagem, que se destina à diversão, e com a atuação de vários artistas de larga popularidade, ou às vezes de um só”.

O programa possui características semelhantes às de um programa de auditório: momentos de interação entre o apresentador (R.R.Souares) e a plateia (os fiéis), merchandising, apresentação musical e apresentação dos quadros como o desenho animado do Midinho e sua Turma, o quadro Novela da Vida real, bem como perguntas gravadas nas ruas direcionadas ao Missionário. A igreja possui uma grande estrutura para receber a demanda de fiéis, o auxílio dos obreiros é indispensável para que haja organização, garantindo que nada saia errado. O início do culto se dá com a participação de pastores da igreja que são usados para acalmar o grande fluxo de pessoas que entram e saem do templo procurando, e até mesmo aguardando, um melhor lugar para ficar. É necessário que tudo esteja na mais perfeita ordem, em um ambiente organizado, e só depois, em média, vinte minutos, o pregador, no caso, Missionário R.R.Souares, entra para expor a Palavra de Deus.

O programa Show da Fé tem sua marca registrada com a música “Estou seguindo a Jesus Cristo”, esta é cantada por toda a igreja sempre que se inicia o culto, uma estratégia para diferenciá-lo dos outros, sem falar que as pessoas vão se soltando, ficam à vontade, batem palmas, se cumprimentam, criando um ambiente confortável e envolvente. Este lugar é a igreja, chamada de Casa de Deus.

Com base no Novo Dicionário da Bíblia, o vocábulo “igreja”, deriva do latim *ecclesia*, e do grego *ekkesia*, palavra que no Novo Testamento, na maior parte de suas ocorrências, significa uma congregação local de cristãos. Por conta dessa explicação, esse sermão é dirigido a um grupo de pessoas que entendem ser a igreja um lugar, no sentido de espaço físico, onde elas encontram aquilo que em nenhum outro lugar poderão encontrar. Subentende-se que Deus não pode ser encontrado fora da igreja. O Criador está na casa dEle, idealizada por Ele. O ouvinte é transportado a um lugar de contentamento, de santificação, como se estando na igreja se estará mais perto do céu, e conseqüentemente, de Deus.

O Missionário, que é a pessoa que possui autoridade para falar em nome de Deus, e a partir do lugar que ele ocupa se estabelece um contrato implícito de troca simbólica de enunciados com os destinatários. Seu discurso apresenta inúmeros atos de fala, normalmente repetitivos. Neles, o pregador orienta, convence e ordena determinadas atitudes aos seus ouvintes. E isso só é possível por conta do lugar que ele ocupa.

O Missionário tem uma postura paterna em suas pregações. Seu tom de voz é suave, ele fala como um pai, que exorta para o bem dos seus filhos. Como foi dito anteriormente, no discurso religioso não é aceitável que o interlocutor faça um discurso solto. Há uma seqüência que deve ser seguida. Todos os cultos, sem exceção, seguem a mesma linha de pregação.

E é a partir dos 45min 40seg de programação que ele chama a *Novela da Vida Real*, que dura em média

6 minutos. Neste quadro, as pessoas relatam transformações milagrosas realizadas em suas vidas ocorridas a partir do momento em que se convertem. Os personagens contam suas experiências e representam algumas situações que viveram antes do momento da conversão.

O nome do quadro tem valor emblemático, ou seja, altamente significativo. É comum escutarmos no nosso dia a dia expressões como “isso só acontece em novela”. Essas expressões são formas de mostrar a impossibilidade de se realizar algo já que sua existência acontece somente na ficção. Essa escolha não é aleatória e, sim, uma forma de mostrar como o poder divino atua na IIGD ao tornar o impossível possível.

Os participantes dessa novela são: Dona Derenice Santana Ferreira e seu esposo José Eduardo Ferreira.

A partir do vídeo podemos entender que o nosso objeto de estudo é uma construção simbólica significativa que exige uma interpretação. Essa interpretação pode se dar quando se reconhece a necessidade do homem de acreditar em um princípio superior absoluto, que explique e justifique a sua existência.

A história desse casal revela a necessidade do ser humano por algo supremo ou sobrenatural que venha de encontro aos dissabores de uma vida sofrida e tumultuada. A narrativa nos mostra uma realidade que procura refletir os valores, o estilo de vida, a sensibilidade e a fé na qual os personagens estão imersos. O tema dessa história é a valorização lar, o reconhecimento saudável de uma vida a dois, a restauração do casamento e aquilo que os une por meio da fé. Vale expor aqui o conceito de modernidade que mostra o antagonismo da sociedade na qual estamos inseridos. “Na modernidade, há uma desvalorização de conceitos tradicionais como verdade, povo, nação, amor, respeito e família. O Deus único dos católicos é tido como morto, a instituição do casamento é tida como instituição quebrável, as lojas de *sex shop* são onde se compra o fetiche e o prazer sexual [...]” (MELO, QUEIROZ, 2011. p.7).

Naquilo em que eles acreditam por meio da fé expressa em Jesus, toda transformação acontece, então, as pessoas que estão em suas casas e também aqueles que assistem ao programa ao vivo introjetam estes novos valores. Essa construção de uma nova realidade de vida encoraja outras pessoas a buscarem a mesma realização.

Parece-me oportuno resgatar as palavras de Maffesoli (2001, p.75)⁴ para entendermos o imaginário dentro desse discurso de fé: “O imaginário tem algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração”. O consagrado pesquisador faz uma analogia com o imaginário na aura de uma obra e explica que a materialidade da obra é a cultura e a aura, algo que as envolve. Não se vê a aura, mas se pode senti-la. Trazendo essa explicação para o nosso objeto de análise, o imaginário dos nossos personagens também é sentido, há uma superação, ultrapassa-se a ideia de cultura para se entrar no plano do imaginário, do Deus imaginado e da força sobrenatural que essa imagem carrega.

Entendemos que Maffesoli reconhece o imaginário num coletivo, por isso é tão importante o agrupamento de pessoas em busca de um objetivo em comum. Na vida de dona Derenice e do senhor José quantos outros casais ao ouvir essa confissão de vitória não se projetaram e imaginaram uma transformação do modo como aconteceu na vida do casal? Ainda na esteira de Maffesoli (2001), “o imaginário é um estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”.

Podemos pensar também na figura da igreja, o que ela representa para este povo. Se entendermos que a igreja pode ser a imagem do Deus vivo, porque se constrói por meio da imaginação essa noção de imagem, de lugar santo e casa de Deus, a imagem neste caso, conforme nos explica Maffesoli não é o suporte, mas o resultado.

Quando se fala de discurso religioso cabe citar também a noção de ideologia como um conjunto de ideias próprias de um grupo, de uma época e que traduzem uma situação histórica. Para ilustrar o uso da palavra ideologia recorremos ao exemplo de Dênis de Moraes em seu artigo intitulado *A construção da realidade nos meios de comunicação*⁵

A foice e o martelo na bandeira da extinta União Soviética não aludiam unicamente a ferramentas de trabalho; transportados para a cadeia de simbolização, formulavam a ideia de que o Estado Soviético perpetrava a aliança de trabalhadores do campo e da cidade. De objetos, tornaram-se signos portadores de mensagem ideológica: a bandeira como tradução da simbiose do socialismo com os interesses dos trabalhadores. (DÊNIS, 1994. p.22-56).

⁴ Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/285>. Acesso em: 15 mar. 2011.

⁵ Capítulo 2 da obra Moraes, Dênis de. O imaginário Vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53). Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.22-56.

Maffesoli entende o imaginário novamente como a aura da ideologia, pois, além do racional que a compõe, há também, uma sensibilidade, o afetivo. Quem adere à ideologia cristã o faz por razões que reconhece necessária e com ela se satisfaz. Vemos isso no nosso objeto de estudo, o casal saiu do lugar onde estava e se projetou para um lugar onde desejavam estar, nessa conduta de fé e prática houve a transformação. Pode ser que essa atitude seja vista como uma atitude romântica, a qual Maffesoli defende sem fazer objeção ao termo utilizado, “Há sempre algo de romântico no político, na defesa das utopias, no sonho de uma sociedade perfeita, na esperança de um mundo redimido de suas falhas. Aquilo que o romantismo centrava na literatura, na poesia, torna-se agora mais abrangente, englobando o cotidiano. Trazer a poesia para a vida, eis a síntese desse novo romantismo”.

Cabe, neste momento, fazer uma reflexão sobre as telenovelas e a maneira como ela influencia na vida das pessoas.

Qual a relação de telenovela com a chamada Novela da Vida Real?

Na verdade, o quadro apresentado não pode ser comparado à novela, já que não possui sequência de capítulos, e por ser a telenovela uma ficção, algo diferente do relato a que demos o nome de testemunho. Há, sim, algumas características de semelhança, como a questão do melodrama, que corresponde ao imaginário popular do sofrimento cotidiano, muitas vezes causado por um malfeitor. Na novela, o vilão; na religião o diabo, em ambas se espera um final feliz promovido por um herói, que no caso da religião é Deus.

Em seu livro *Brasil Antenado – a sociedade na novela* (2005), a antropóloga Esther Hamburger, explica que a telenovela brasileira, ao longo de mais de vinte anos, passou por transformações não só na sua produção e nas interpretações, mas no lugar que ocupa no debate público. Considerando as novelas como um fenômeno “proto-interativo”, cujos capítulos são escritos e produzidos num jogo complexo de interações desiguais.

À medida que o público se deixa influenciar por personagens ficcionais, temos desencadeado um processo de identificação. Assim, diante de uma figura de televisão o

indivíduo pode ou não se projetar, encerrando uma convergência de interesses, ou, ainda, uma partilha de desejos. Ao aproximar nossa própria imagem a de um determinado personagem, o que buscamos é nos reconhecermos como tal. Há apropriação de ideias, sentimentos, atitudes, que podem resultar em uma fusão proposital da nossa própria identidade ao do personagem.

A pesquisadora reforça a ideia de que as novelas estimulam comportamentos positivos ou negativos, individuais ou coletivos. Ciro Marcondes Filho, em seu livro - *Telenovela e a lógica do capital* (1986), diz que a telenovela apela para resíduos de lembranças felizes, que estão depositados na memória dos telespectadores, momentos esses que se referem a fases de vida permeadas por emoções. O apelo da telenovela às relações sentimentais representa uma forma de reviver essas emoções, de torná-las novamente atuais, com a possibilidade de deixar para trás temporariamente os problemas reais, o telespectador entra para momentos de alegria e felicidade, mesmo que são momentos de alegria e felicidade de outros, e não são propriamente seus, embora vivam como se fossem seus. Essa divisão mostra uma preocupação não com o mundo real, mas com um mundo imaginário que assume o lugar do real.

No caso da *Novela da Vida Real*, os personagens contam a sua história a partir da realidade deles, mas essa realidade vem corroborar com a Palavra de Deus que foi pregada anteriormente, reafirmando a sua eficácia.

Retomando ao conceito de melodrama, recorremos ao estudo de Jesús Martín Barbero (1997) para entendermos por que este gênero foi tão bem aceito e reconhecido na América Latina, inclusive mais do que o terror. Barbero explica que é como se estivesse nele o modo de expressão mais aberto ao modo de viver e de sentir da nossa gente. O melodrama continua a constituir um terreno precioso para o estudo da não contemporaneidade e das mestiçagens de que estamos feitos. Muito do que somos - machistas, fatalistas, supersticiosos – e do que sonhamos ser, o roubo da identidade, a nostalgia e a raiva. O melodrama explora nos tangos, nas telenovelas, no cinema mexicano o nosso imaginário coletivo e acrescenta que não existe acesso à memória histórica nem projeção possível sobre o futuro que não passe pelo imaginário. Esta fonte alimenta o reconhecimento popular na cultura de massa.

O consagrado autor nos explica também que o melodrama consiste no reconhecimento. Do filho pelo pai ou da mãe pelo filho, o que move o enredo é sempre

o desconhecimento de uma identidade e a luta contra as injustiças, as aparências, contra tudo o que se oculta e se disfarça: uma luta por se fazer reconhecer.

As classes populares se reconhecem nesses melodramas e vingam-se à sua maneira da abstração imposta à vida pela mercantilização, da exclusão política e da despossessão cultural. Michel Mattelart explica que o que dá sentido a essas narrativas e o que faz a força da indústria cultural não se encontra apenas na ideologia,

mas na cultura, na dinâmica profunda da memória e do imaginário.

Em nova versão a telenovela é outro produto cultural que a América Latina conseguiu exportar para a Europa e os Estados Unidos. Algumas características da telenovela são: Da narração, o melodrama de televisão conserva forte ligação com a cultura dos contos e das lendas, a literatura de cordel brasileira, conserva o predomínio da narrativa, do contar a, o que implica a presença constante do narrador estabelecendo dia após dia a continuidade dramática, sabe-se quando começa, mas não quando acabará e também a atualidade que caminha com a narrativa.

A segunda característica é o melodrama como literatura dialógica ou, segundo Bakhtin sugere, como gênero carnavalesco, “onde autor, leitor e personagens trocam constantemente de posição”, confusão entre narrativa e vida, entre o que faz o ator e o que se passa com o espectador, sinal de identidade de uma outra experiência literária que se mantém aberta a reações, desejos e motivações do público. Não no sentido de transferir para a narrativa as coisas da vida, pois não é a representação dos fatos concretos que produz o sentido de realidade na ficção, mas os dois lados; os fatos particulares do real e o mundo fictício.

A lógica de mercado e a ideologia são utilizadas nesse processo, mas não somente isso, o melodrama é uma forma de recuperação da memória popular pelo imaginário fabricado pela indústria cultural e metáfora indicativa dos modos de presença do povo na massa (MARTIN-BARBERO, 1997. p.304-308).

Considerações Finais

A partir dessa breve análise pudemos reconhecer as características do discurso religioso, seja ele feito nas igrejas, onde o representante de Deus fica lado a lado com o seu interlocutor, seja por meio de revistas, ou outro meio de comunicação de massa, seu caráter é ideológico, persuasivo e pedagógico.

O nosso objeto de estudo, *Novela da Vida Real*, nos permite compreender que o discurso religioso não é só informativo, ele precisa alcançar uma transformação, através de exemplos práticos da vida diária. Exemplo disso é a confissão de dona Derenice e seu esposo.

Entendemos que para se analisar um discurso, seja ele de que natureza for, político, publicitário ou religioso, o analista precisa distanciar-se dos seus valores, deixar de lado sua ideologia e atentar-se, especificamente, na maneira como foi colocada a mensagem, com olhar puramente científico e não ser vítima dos efeitos da história ou da língua.

O papel desse discurso é justamente a valorização do ser humano, sendo esta uma das funções principais de uma comunidade eclesial. Muito já se ouviu falar desse mecanismo utilizado e a enorme quantidade de testemunhos de pessoas que se afogavam no álcool ou nas drogas, que tinham explosões de ira e, de repente, foram impactados por um encontro com Cristo e sofreram uma transformação radical.

Outro aspecto importante é a identidade assumida por este grupo de religiosos, que se sentem pertencentes a essa cultura religiosa e se refazem numa nova perspectiva de vida que acontece a partir de uma outra postura. Essa nova postura é também a aura de uma ideologia, como bem afirma Maffesoli (2001), este imaginário, vai além do racional, envolve sensibilidade, o afetivo, pois quem adere a uma ideologia imagina fazê-lo por razões necessárias e suficientes, não tende consciência do outro componente que não é racional.

Neste trabalho de compreender dos sentidos as palavras de Eni Orlandi são resgatadas: “Compreender, eu diria, é saber que o sentido pode ser outro” (ORLANDI, 1998, p12), explicando que na análise do discurso existe sempre a incompletude, a divisão, o inconsciente, a ideologia, ou seja, as diferenças existem e são uma constante. Aprender a pensar, desafiar o mundo e as coisas que se apresentam como certas, deixar o mundo menos sabido, mais desafiador.

Referências bibliográficas

ALEXANDRE, Ricardo. A Nova Reforma Protestante. **Revista Época**. São Paulo: Globo, n.638, p.84-92, ago 2010.

CUNHA, Magali do Nascimento et al. Discurso religioso, hegemonia pentecostal e mídia no Brasil. A presença televisiva do Pastor R. R. Soares: um estudo de caso. **Revista Caminhando**. v.13, n.21, p.87-96, jan-mai, 2008. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/caminhando/ppc/caminhando/caminhando-21/caminhando-21b/discurso-religioso-hegemonia-pentecostal-e-midia-no-brasil-a-presenca-televisiva-do-pastor-r-r-soares-um-estudo-de-caso/>>. Acesso em: 10 out. 2010.

_____. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

DURANT, Gilbert. **As estruturas antropológicas do Imaginário**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 21-64.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.
- HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado**: a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.15, p.74-81, 2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/285>. Acesso em: 15 mar.2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro Juvenal. Telenovela e a lógica do capital. In: **Quem manipula quem?** Petrópolis: Vozes, 1986, p.64-80.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às mediações** – Comunicação, Cultura e Hegemonia. Trad. Ronaldo Polito, Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados** 18 (52), 2004, p. 121-138. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>. Acesso em: 13 set. 2010.
- MELO, Mayra Cristina de, QUEIROZ, Meiriédna. “A árvore do dinheiro”: uma narrativa mitológica nordestina. **Razon y Palabra**. Atizapán de Zaragoza, n.60, fev.2008. Disponível em: http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n60/melo_queiroz.htm
- MORAES, Denis de. **O imaginário vigiado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: Princípios e Procedimentos. 6.ed. Campinas: Pontes, 1987.
- _____. **A Linguagem e seu Funcionamento**: As formas do discurso. 2.ed.Campinas: Pontes, 1987.
- OSAKABE, Haquira. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.